

Homenagem

ELOGIO HISTÓRICO DE ANTÓNIO OSÓRIO DE CASTRO

Pelo Prof. Doutor Diogo Leite de Campos

Excelentíssimo Senhor Bastonário da Ordem dos Advogados Doutor Luís Menezes Leitão

Vossa Excelência convidou-me para fazer o elogio histórico do Bastonário Doutor António Osório de Castro (1994-1996).

A minha primeira reflexão deteve-se na minha falta de qualificações, estas naturalmente insuficientes para a tarefa de entender e descrever tão ilustre Bastonário.

Não me recusei, porém, em atenção Àquele que me convidava.

E, por outro lado, esperava que outros falassem através de mim, que eu fosse o seu porta-voz.

A minha vida tem sido assente no ser jurista, também advogado.

Avô, advogado, que me ensinou pelo seu exemplo as qualidades humanas que fazem a pessoa digna, “máxime” o advogado: liberdade, amor, sentido de igualdade, auto-identificação... Fui seu estagiário.

Pai, Juiz: modelo que nunca me senti capaz de seguir, a não ser o exemplo que me dizia que a justiça tem de ser também compaixão.

Depois, tive a honra de conhecer de perto, e admirar, alguns dos mais ilustres advogados portugueses: Mário Raposo, Maria de Jesus Serra Lopes, Lopes Cardoso (Pai e Filho), Raul Ventura, Rui Machete, Coelho Ribeiro...

Atrevi-me a pedir a todos eles que usassem a minha voz para se referirem a Osório de Castro. Eles são a única garantia da minha possibilidade de cumprir.

Espero eu não ficar muito aquém.

Fazer o elogio do Advogado e Bastonário Doutor Osório de Castro, não tem de ser, e não deve ser, mais do que relatar, sentindo-os, momentos da sua vida. Estes falam por si e geram admiração.

Não há que descrever encomiasticamente um “cursus honorum”, pois as múltiplas honras que recebeu Osório de Castro, não serviram para o honrar: foram honradas por ele, ao transformá-las em serviço da sua classe, da sua profissão e da comunidade em geral.

Osório de Castro procurou e obteve significativa melhoria das estruturas da justiça, necessárias para que esta o seja, justiça.

Vou tentar descrever o seu percurso com a empatia que sinto por Osório de Castro, permitida pelos advogados modelares com quem convivi.

Sabia o nosso homenageado do papel fulcral do advogado na realização da justiça. Na prévia compreensão dos factos da pessoa e da comunidade; no discernir o ético e o não ético; na reintegração do seu cliente na comunidade ética; no respeito pela dignidade da pessoa, suporte do Estado (como reconhece a Constituição da República Portuguesa), feita de liberdade, razão e amor.

Configurando o juridicamente relevante e a justiça que a pessoa exige.

A vida do advogado Osório de Castro assenta numa prática constante, sempre renascida, do cuidado consigo mesmo, para cuidar dos outros. Não tinha como objetivo a glória pessoal — esta decorreu da sua vida, dos seus muitos atos em procura da justiça. Estudou para se ocupar dos outros.

O seu cuidado pelos outros, clientes, colegas, comunidade em geral, foi transformando-o, tornando-o sempre mais atento aos outros e cada vez mais capaz de cuidar deles.

Um novo cliente, uma nova história de vida, um novo processo, tornavam-no cada vez mais apto para cuidar dos outros no renascer pelo novo caso.

Empático com o cliente, assumindo os seus interesses, os seus valores — reorientando-os sempre que necessário. Obtendo facilmente a simpatia do outro, feita de admiração e de gratidão.

Consciente de que para justiça social, para a coesão da comunidade, é necessária justiça para cada um e que esta só se obtém com estruturas de definição da justiça da mais alta qualidade.

Rejeitou prosseguir modelos sociais de poder e utilidade que nada têm a ver com a justiça.

Passo a assinalar os marcos miliários da sua vida. Cada um deles marcando uma nova missão que o fortalecia. Percurso que influenciou a

comunidade e que faz com que o sintamos entre nós, fazendo parte das nossas histórias.

Licenciou-se em Direito na Faculdade de Direito de Lisboa onde encontrou como mestres alguns dos mais distintos juristas da sua época, guiados pela vontade de prosseguir a justiça assente na dignidade da pessoa.

Seguiu a profissão de advogado. O advogado vive para o cliente, sente com este, dá-lhe tudo o que pode, muito mais do que reservaria para si.

Trata-se de uma das profissões em que o outro é muito mais importante do que o eu-mesmo.

O seu percurso foi tão digno, mereceu tanto respeito e admiração por parte dos seus colegas, que estes o elegeram Bastonário. Em eleição em que não estiverem presentes interesses ou vontade de poder, mas só o desejo de entregar a Ordem a alguém que corporizava os seus valores.

Sei-o como testemunha, um advogado entre muitos.

O novo Bastonário fez-se acompanhar, nos órgãos da Ordem, por advogados ilustres.

Os anos passados como Bastonário deram-lhe uma experiência de organização, de definição de objetivos coletivos éticos e da prossecução destes, que excelentemente utilizou.

Ocupado com o acesso à justiça, propôs importantes medidas e uma reforma do Código de Processo Civil para promover o mais rápido andamento dos processos judiciais.

Lançou pontes com outras entidades dirigidas ao ensino do Direito.

Ocupou-se, com resultados relevantes, da segurança social dos advogados.

Não resisto a passar ao amor pelos livros. Todos temos um amor profundo pela nossa biblioteca, pelos nossos livros. Esse amor levou o Doutor Osório de Castro a aceitar mais tarde a direção da biblioteca da Ordem.

O seu amor pelos colegas, outros eu, levou-o a continuar a cuidar deles. Assim:

Durante o período do seu mandato, no ano de 1985, fundou o Instituto Jurídico franco-ibérico de Bordéus.

Em 1987 fundou a Associazione Internazionale di Giuristi di lingua italiana, da qual foi administrador entre 1988 e 2001.

Tinha sido indicado pelo Governo português em 1980 para a Convenção da Haia.

Em 1985, foi indicado como árbitro do International Centre for Settlement of Investment Disputes.

Em 2003 presidiu à delegação portuguesa do Tribunal Europeu de Arbitragem (Strasbourg).

Cultivou e praticou o Direito do Ambiente.

Tempo e trabalho que poderia ter dedicado a recolher bens materiais ou “glórias” políticas, mas que usou no desempenho destas importantes funções públicas que muito honrou.

Como alguns muito notáveis juristas portugueses e brasileiros, amou a sua língua materna e cultivou-a carinhosamente. Não só na construção da justiça, como nas “Belas Letras”. É tradição da comunidade jurídica que o melhor jurista também se revela no seu estilo.

Produziu primorosas peças de português “jurídico” e não só. Homem de letras e de sentimentos recebeu o prémio do Pen Club por “A raiz afectuosa”.

Dirigiu a Revista Foro das Letras, da Associação Portuguesa de Escritores, e foi membro da Academia das Ciências, Classe das Letras.

Já era “imortal” antes deste reconhecimento.

Das coisas importantes, deve falar-se pouco. Com certeza António de Lisboa, ao afirmá-lo, estava a pensar na “breve palavra” de Cristo e talvez também na curta vida do Verbo de Deus.

Segui o seu conselho, neste caso.

Do ser humano digno, familiar, não me cumpre falar. Mas a sua vida pública permite perceber que o amor, o cuidado, a ética, preencheram a sua vida.

Amando, como amo, a minha profissão de advogado, sempre precisei de modelos que me guiassem, embora soubesse que nunca os poderia atingir. Um deles é o Doutor Osório de Castro.

Sou, humildemente, venerador e obrigado.

DIOGO LEITE DE CAMPOS

Advogado